



Roberto Freire (no círculo), titular da equipe de Basquete do Sport Clube de Recife

Freire, um torcedor brigão do Sport

RECIFE — Filho de Seu João, “udenista de carteirinha”, e de Dona Maria de Lurdes, devota de Santo Antônio, Roberto João Pereira Freire foi um garoto brigão e inteligente, torcedor fanático do Sport, bom de futebol e de vôlei e várias vezes campeão estadual de basquete pelo clube de coração. Quando menino, vivia na Ilha do Retiro praticando esportes. Até os 24 anos de idade, quando se casou com Leticia Baltar, morava pertinho do estádio. Roberto virou comunista, aliás, quando passou a freqüentar a casa da namorada, ou melhor, a biblioteca do futuro sogro, o Vereador Antônio Bezerra Baltar, da esquerda católica e do PSB.

O atual Secretário de Obras do Estado, engenheiro José Carlos Melo, foi seu colega do jardim-de-infância ao científico e lembra que, no Colégio São João, quando ambos faziam o 1º Grau, o Padre Gregório, “caxias e autoritário”, procurava diminuir o travesso Roberto chamando-o de “Seu João”.

— Roberto era, nessa época, um aluno brilhante, mas nunca foi estudioso. Só estudava o necessário para não fazer prova final — diz o Deputado estadual Marcus Cunha (PMDB), outro colega de classe.

A mania de jogar pelada à beira do Rio Capibaribe fez com que alguns colegas inventassem uma brincadeira que sempre o deixava irritado. Diziam que o pai de Leticia só concordaria com o namoro depois que ele apresentasse exame de fezes à família.

— Isto porque Roberto passava o dia inteiro nos mangues, próximo ao rio, e para me- com ele a gente dizia que ele vivia cheio ombrigas — lembra José Carlos Melo.

Adolescente, costumava ir na casa de Abelardo, seu melhor amigo, hoje sócio de uma empresa de consultoria. A convivência o aproximou da irmã do amigo, Leticia, com quem se casaria em 1966. E das estantes do engenheiro Bezerra Baltar, uma das mais completas bibliotecas de marxismo de Pernambuco. Mas só foi assumir que era comunista quando cursava o científico no Colégio Padre Félix, que não existe mais. Devorava livros políticos e só vivia falando nisso.

— Era sempre o dono da verdade, embora os colegas tivessem realmente dificuldade de contestá-lo — diz José Carlos Melo.

Sua mãe, Lurdes, 78 anos, acrescenta:

— Ele perdeu a fé em Deus mas sempre se comportou como um cristão. É um inconformado com as injustiças e entrou na política dizendo que pretendia lutar para acabar com a miséria no Brasil.

Só depois de ingressar na faculdade é que Freire rompeu com o provincianismo. Esqueceu um pouco o bairro onde morava e passou a participar mais de debates estudantis, palestras e cursos. Em 1972, influenciado pelo professor Marcos Freire, que conhecera na Universidade, concorreu à Prefeitura de Olinda, pelo MDB. Foi o candidato mais votado mas perdeu para a soma de votos dos dois candidatos da Arena.

— Nesta época, ele já tinha a cabeça no lugar. Enquanto certos grupelhos de esquerda defendiam a luta armada, Roberto pregava a luta legal, dentro do MDB, que era o único partido de oposição reconhecido pela ditadura — elogia o cunhado Abelardo.